

EVIDÊNCIAS DE UM CEMITÉRIO DE ÉPOCA COLONIAL NO PILAR, BAIRRO DO RECIFE, PE

Anne-Marie Pessis. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos. Antonio de Moura Pereira Filho. Gabriela Martin. Ica Pacheco da Costa. Manuela Xavier Gomes de Matos, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva, Socorro Ferraz.

Participação especial de **Tânia Kaufman e Gustavo Wanderley**, do Núcleo de Pesquisa do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco AHJPE - Museu Sinagoga Kahal Zur Israel.

RESUMO

O presente relatório versa sobre as atividades de acompanhamento e pesquisa arqueológica na área do Pilar, Bairro do Recife, informando do achado de um cemitério de proporções ainda não definidas, nem limites delineados. Este cemitério apresenta características especiais de sepultamento tais como ausência de enxoval funerário convencional, como caixões e quaisquer outros marcadores culturais. Os esqueletos encontrados se apresentam articulados e em estado de conservação considerado bom por especialistas da antropometria e da genética forense. Indaga-se a que comunidade este cemitério pertenceu e em que circunstâncias ali se estabeleceu. Os esqueletos evidenciados encontram-se em média, de 30 a 40 centímetros abaixo dos vestígios de estruturas arquitetônicas, ou seja, no leito do istmo, o que nos leva a inferir sobre uma nova história da ocupação e evolução urbana da área. As estruturas vestigiais mais antigas encontradas sobre o cemitério são, segundo dados observáveis, do final do século XVII e do século XVIII, sendo os sepultamentos anteriores a estas datas. Com a continuação das pesquisas, tanto arqueológicas como laboratoriais, leia-se exames do DNA mitocondrial e datações de C14, além do estudo histórico e documental, pretende-se completar o conhecimento sobre esse importante achado arqueológico.

PALAVRAS - CHAVE

Cemitério, Colônia, Igreja do Pilar, Recife, Maurícia, Evolução Urbana, Forte de São Jorge, Pernambuco.

ABSTRACT

This article describes the archeological survey and research activities in the Pilar district, neighborhood of Old Recife, Recife-PE, informing that a cemetery was found with not yet precised proportions nor delimited perimeter. This cemetery reveals particular burial characteristics, such as the absence of conventional funerary clothing, like coffins and any such cultural markers. The skeletons found in the cemetery present perfect articulation conditions and good conservation state, according to experts in fields like Anthropometry and Forensic Genetics. This article deals with questions concerning the cemetery original communal context, as well as the circumstances of its foundation. The skeletons have been found at some 30 to 40 centimeters beneath the architectural structures vestiges; namely, in the Isthmus bed, which has contributed to inferences leading to a new history of the occupation and urban evolution of the area. The older vestige structures found overlaying the cemetery are, according to observable data, from the late XVII and XVIII centuries, being, most certainly, more recent than the burials. With the progression of the archeological and

laboratorial analyses, namely mitochondrial DNA tests and C14 assessments, as well as historical and documental study, this research intends to complete the knowledge concerning this important archeological finding.

KEY WORDS

Cemetery, Colony, Pilar Church, Recife, Maurícia, Urban Evolution, São Jorge Fort, Pernambuco.

A área norte do Bairro do Recife, hoje conhecida como Pilar, em seus primórdios, chamava-se Fora de Portas. Para os historiadores que se referem a essa área, (MELLO,1947; CAVALCANTI, 1977; PEREIRA DA COSTA, 1983; MENESES 1988; LUBAMBO, 1991) a urbanização daquele lugar, teve seu início em torno da igreja do Pilar, em finais do século XVII. Estes autores descrevem cartograficamente, a evolução urbana do Pilar, até sua integração na rede urbana do Bairro do Recife. Entretanto, existem lacunas tanto na historiografia, como na cartografia, acerca dessa evolução; as escavações arqueológicas, que estão em andamento desde março de 2010 e as pesquisas delas decorrentes, têm trazido à tona informações que podem complementar esses hiatos.

As escavações têm revelado vestígios de estruturas arquitetônicas e fragmentos de utensílios de uso cotidiano das comunidades, que ocupavam o espaço desde o século XVII. São as mesmas categorias de vestígios arqueológicos, que vêm sendo identificados durante o acompanhamento das obras desde 2010, seja nas Quadras 40, I e II, na Quadra 25 e na Quadra 55, respectivamente do lado da Rua Bernardo Vieira de Melo e Rua de São Jorge. Nelas, foram encontrados restos de estruturas em alvenaria de tijolo e alvenaria mista, pertencentes às edificações anteriormente existentes. Essas estruturas estão revelando a maneira de construir das comunidades, seus conhecimentos técnicos e a disponibilidade de material construtivo ao longo da ocupação. Os fragmentos de utensílios de uso cotidiano estão evidenciando, o uso que se fazia do espaço urbano, o modo como as pessoas viviam, e o seu nível social; os restos alimentares falam sobre os hábitos e recursos dessas comunidades.

Durantes os trabalhos de escavação arqueológica foram encontrados enterramentos humanos, com padrões recorrentes, que os configuram como um cemitério, provavelmente dos séculos XVII e XVIII. Este achado tornou-se o cerne da pesquisa, dada as suas dimensões e possíveis implicações para a história da Cidade do Recife. Nas escavações da quadra 55, foram identificados 38 sepultamentos humanos, até o momento. Os esqueletos encontravam-se articulados; com a mesma disposição crânio-pelve, voltada para leste, sem enxoval funerário; na mesma profundidade, com pequenas variações, abaixo das estruturas construtivas; alguns estavam sepultados na mesma cova. Todos esses indícios levam a formulação da hipótese de que se trata de um cemitério do período colonial. A existência de um ou mais cemitérios no território do Bairro do Recife é apresentada e discutida na literatura especializada e na história oral. O Cemitério da Cruz do Patrão, onde estavam sepultados negros e pagãos, por exemplo, já foi pesquisado, por duas ocasiões, sem êxito. Esses trabalhos resultaram de uma parceria entre a Prefeitura do Recife e a UFPE. Não havia, no entanto, indícios históricos conhecidos de que na atual área do Pilar seriam encontrados sepultamentos.

No momento, estão sendo ampliados os estudos históricos e iconográficos que possam explicar a origem do cemitério, o contexto histórico e a etnia dos indivíduos enterrados e os procedimentos funerários utilizados. Com o prosseguimento das escavações arqueológicas poder-se-à identificar os limites do cemitério e quantos foram os indivíduos ali sepultados.

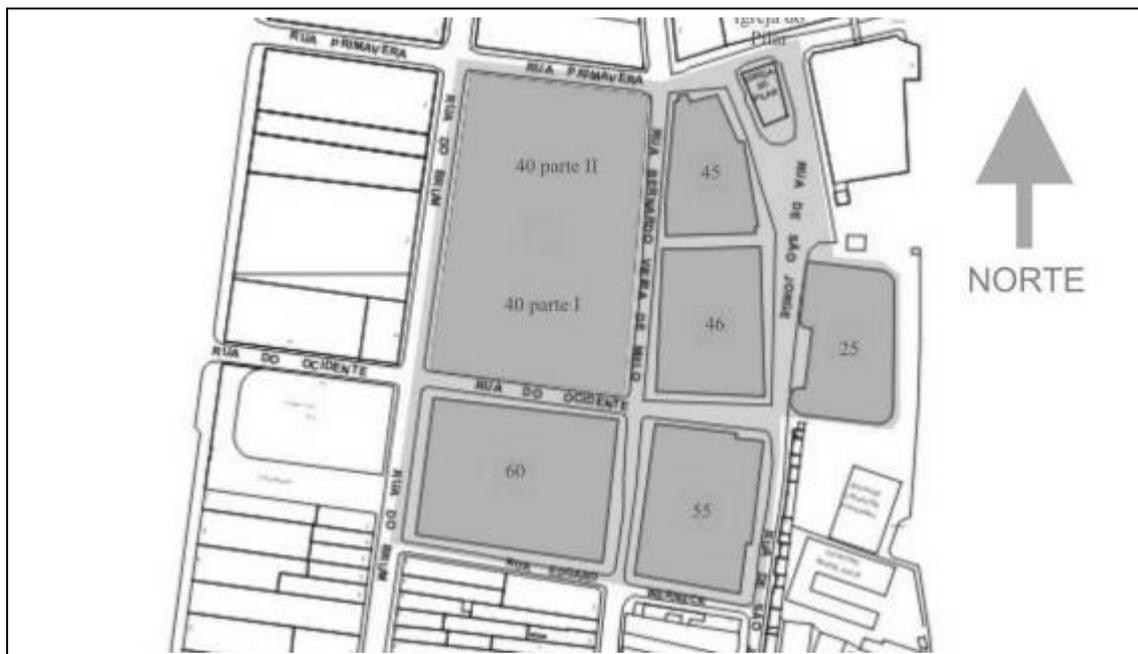


Figura 1) Área de Intervenção. Quadras 40 parte I, 40 parte II, 60,45,46,25,55 e pátio da Igreja do Pilar Fonte: Trecho de Unibase modificado (PCR).

Atividades de acompanhamento e pesquisa arqueológica na quadra 55

O trabalho que vem sendo realizado pela Fundação Seridó e a UFPE na área do Pilar tem como objetivos, além de realizar a proteção do patrimônio histórico e arqueológico e delimitar o Forte de São Jorge, aprofundar o conhecimento do período colonial, assim como do processo de desenvolvimento urbano do chamado Bairro do Recife.

A escavação realizada na Quadra 55 utilizou como método de controle o estabelecimento de uma quadrícula composta por quadrados de 1m x 1m posicionados no sentido norte-sul/ leste-oeste. A quadrícula foi projetada inicialmente para medir 15m x 15m, embora a sua expansão dependa do andamento da obra habitacional do Pilar e dos achados arqueológicos possíveis.

O sistema de organização e designação das unidades foi o alfanumérico: os quadrados no sentido norte-sul foram denominados a partir do número 100 e aqueles no sentido leste-oeste foram denominados a partir da letra A. Esse sistema permite o aumento da quadrícula em qualquer direção.

A quadricula inicial de 15x15 já foi expandida, e até o momento conta com 39m no sentido leste-oeste e 37m no sentido norte-sul. Do conjunto de quadrados demarcados, já foram escavados 235 com profundidade média de 1,50m, totalizando um volume de escavação manual de 352,50 m³. A maior parte dos quadrados escavados atingiu até 1,75m de profundidade e apenas alguns chegaram até 1m, a partir da superfície do solo.

Antes do início dos trabalhos arqueológicos, a empresa que realizou a demolição das habitações existentes utilizou a retroescavadeira para retirar parte do entulho resultante. Durante esse processo foi retirada uma camada de entulho de 40 cm a 60 cm, em média. Esta etapa foi fundamental para dar início a escavação seguindo os procedimentos arqueológicos. Após a retirada de parte do entulho mecanicamente pelos funcionários do consórcio, no dia 07 de janeiro de 2013, a equipe de arqueologia iniciou os trabalhos de escavação na quadra. O

sítio começou a ser escavado por camadas artificiais, mas observou-se a existência de camadas naturais bem definidas. A escavação por camadas naturais consiste na remoção de toda uma camada que apresenta as mesmas características, como por exemplo, tipo de sedimento, tonalidade, granulométrica e tipologia de vestígios nela encontrados.

A partir da identificação dos sepultamentos houve uma mudança na metodologia de escavação. Os esqueletos começaram a ser evidenciados numa profundidade entre 1,40 e 1,75 metros, numa camada arenosa que parece pertencer ao istmo, e a escavação passou a ser, então, realizada por camadas artificiais de 5 em 5 cm, com auxílio de colher de pedreiro, pincéis e espátulas. O sedimento retirado foi peneirado com auxílio de peneira de malha de 5 mm, cujo objetivo é preservar a integridade dos restos ósseos, mas também, permitir a identificação dos vestígios do invólucro dos corpos ou recipientes e do possível acompanhamento fúnebre ou vestígios não-intencionais.

Sepultamentos identificados

No período de abrangência deste relatório foi identificado um total de 38 sepultamentos. Destes, apenas 14 foram totalmente escavados, retirados e encaminhados para laboratório e um deles foi encasulado e mantido no local. Os demais continuam no sítio na tentativa de evitar danos causados pela água das chuvas.

Como consta no relatório *Tratamento laboratorial dos remanescentes humanos da Q. 55, do Sítio Histórico do Pilar, Bairro do Recife antigo, Pernambuco, Brasil*, de Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva e Fátima Barbosa, antropólogos físicos, os esqueletos, de uma maneira geral, são de origem possivelmente européia, todos masculinosⁱ, e se dividem em três grupos a partir das idades: adolescentes entre 15 e 19 anos (2 indivíduos); jovens adultos de 20 a 30 anos (10 indivíduos); e adulto entre 45 e 50 anos (1 indivíduo)ⁱⁱ.



Figura 2) Conjunto de sepultamentos identificados, escavados, retirados e levados para laboratório em março de 2013. Totalizando 14 indivíduos.

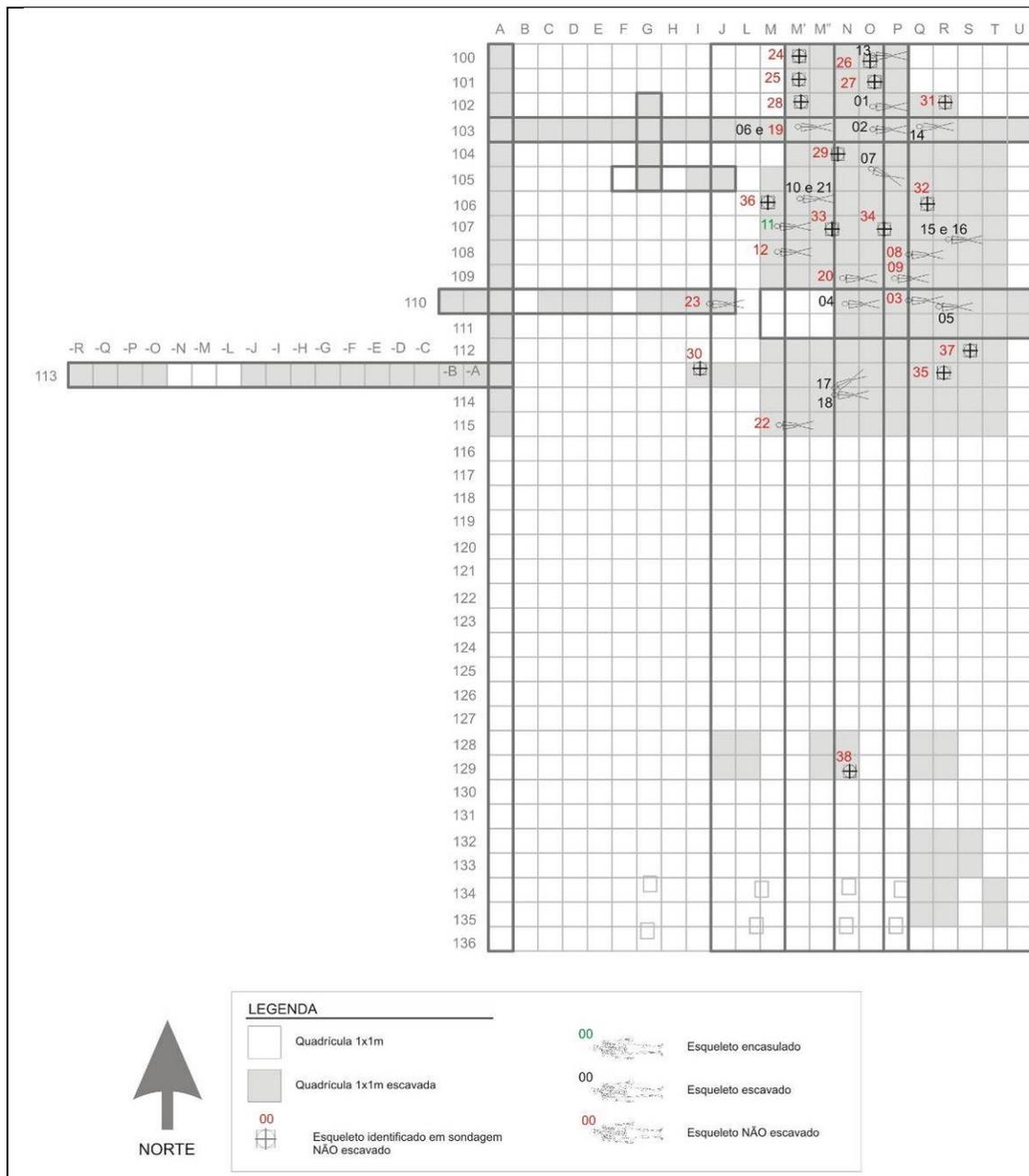


Figura 3) Croquis com localização dos 38 sepultamentos encontrados na Quadra 55. Croquis do sistema de quadriculas alfanumérico utilizado na quadra 55. Foram escavados, até o momento, 235 quadrados de 1x1.

Nos sepultamentos evidenciados, os esqueletos estão todos em decúbito dorsal, com membros inferiores estendidos e membros superiores ou cruzados ou estendidos. Quanto a sua espacialidade, eles estavam dispostos de forma linear, não apresentando regularidade no distanciamento entre eles. No que tange a orientação cardeal, todos se encontravam com os eixos crânio-pelve voltados no sentido Leste (E) – Oeste (W), sendo o crânio para Oeste(W) e a pelve para Leste (E). Quanto ao enxoval funerário há ausência total de enxoval funerário ou vestimentas.

Os demais sepultamentos, ou seja, SEP 08, 09, 11 e 12 e SEP 19 ao SEP 38 não foram evidenciados, apenas identificados. Continuam no sítio para serem oportunamente escavados, registrados e retirados. A decisão de não retirá-los foi tomada em virtude das circunstâncias climáticas, que têm sido marcadas por chuvas recorrentes e intensas desde o final do mês de março de 2013. Deve-se ressaltar que quando ossos são expostos a excesso de umidade e a uma elevada acidez, o que é comum no caso da água de chuva, eles podem ter sua integridade física comprometida implicando em perda de informações. No entanto, a decisão de não retirá-los evitando sua exposição a fatores degradantes também acarreta outra situação: o acúmulo de água das chuvas nas valas promove uma elevada pressão sobre os ossos decorrente do peso da lâmina de água sobre eles. Ademais, nos casos em que os sepultamentos estão sob estruturas construtivas somente podemos avançar lentamente nas escavações sob pena de fragilizar o entorno das estruturas, que ficam suscetíveis a desabamento e esmagamento dos esqueletos.

Dos 38 sepultamentos identificados, os denominados SEP 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 10, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 foram completamente evidenciados e registrados. Além desses, o SEP 11, foi parcialmente escavado, registrado, mas não foi retirado; encasulado, foi mantido no sítio. Identificando-se as relações espaciais dos sepultamentos com o entorno e entre eles mesmos, pode-se ainda observar a existência de um padrão de enterramento.

O encasulamento de um esqueleto é um procedimento arqueológico que utiliza gesso como material para criar uma espécie de casulo ao redor do esqueleto. O objetivo é permitir que o sepultamento fosse removido, mas que sejam mantidas as condições do campo de maneira que possa ser escavado em laboratório. Esse procedimento é indicado em situações onde a escavação no campo apresenta alguma dificuldade. No caso do Pilar, as questões de prazo para liberação da área são latentes e a iminência das chuvas também sugeria que o encasulamento poderia ser uma metodologia a ser aplicada amplamente. Nesse sentido realizou-se uma ação piloto. Um profissional especialista nessa técnica da Fundação Museu do Homem Americano realizou o encasulamento dos SEPs 10 e 11.



Figura 04) Encasulamento do Sepultamento 10.

No entanto, a ação não logrou êxito, pois o sedimento arenoso estava muito úmido o que dificultou a consolidação do gesso e conseqüentemente do sedimento. No momento da retirada do casulo do SEP 10, o sedimento desagregou-se e os ossos se desarticularam. O esqueleto, que já havia sido registrado conforme os demais foi coletado seguindo a mesma metodologia. Como o encasulamento não foi bem sucedido, esta técnica não foi replicada para o restante dos sepultamentos. O SEP 11, encasulado, permanece no sítio, ainda dentro do casulo, para oportunamente ser retirado, acondicionado e encaminhado para o laboratório.

Para poder realizar o encasulamento de todos os esqueletos, para sua escavação posterior no laboratório, procedimento que seria o ideal, precisamos o tempo necessário para que os ossos e a areia que os circundam estejam completamente secos e, depois de consolidar o sedimento, proceder à retirada dos esqueletos. Como as atividades arqueológicas no Pilar consistem no acompanhamento dos trabalhos da obra com período limitado para a realização de pesquisas, sofremos toda classe de pressões por parte dos responsáveis do consórcio contratado pela Prefeitura e até das autoridades da própria Prefeitura visando nos retirar o mais rapidamente possível dos canteiros. Todavia, temos podido contornar esses problemas com o apoio, diga-se por oportuno, do Superintendente do IPHAN -PE, Frederico Almeida e do Núcleo de Pesquisa do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, conscientizados da importância do achado arqueológico.

Metodologia do Registro

Após a evidenciação dos sepultamentos, procedeu-se o registro dos esqueletos e sua relação com o entorno, tais como as estruturas construtivas, o istmo, o mar, o rio, a igreja do Pilar, o Forte de São Jorge e a posição de cada um deles em relação aos outros.

Considerando que a arqueologia é uma atividade destrutiva, ou seja, uma escavação só pode ser realizada uma única vez, daí resulta a importância de se realizar um registro exaustivo. No caso dos sepultamentos do Pilar, o registro incluiu fotografias verticais com utilização de bolha de nível, a fim de diminuir a distorção da imagem; desenhos técnicos com elevada precisão; topografia de pontos específicos do esqueleto que permitirá identificar a relação dos ossos entre si, e finalmente, o escaneamento laser 3D que permitirá reproduzir a situação real identificada na escavação. Esse método permite que a escavação seja vivenciada novamente, mesmo depois de finalizada.

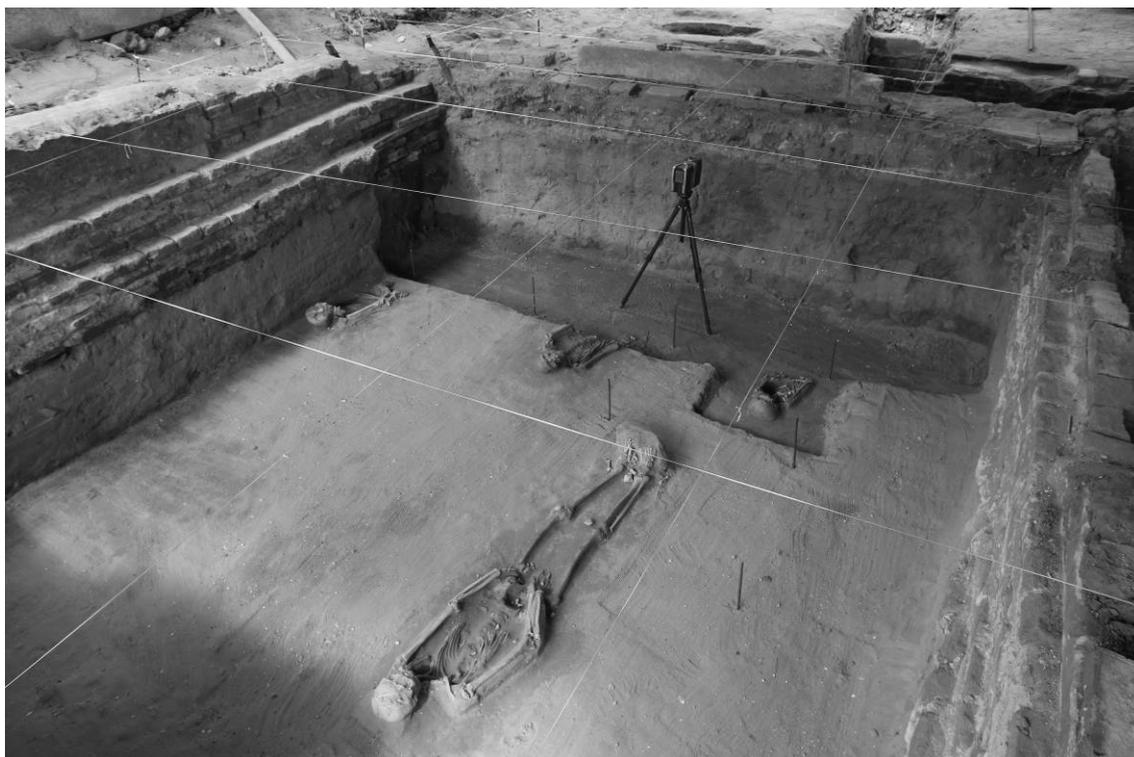


Figura 05) Processo de escaneamento 3D dos sepultamentos com Scanner Faro.

Após o registro, cada sepultamento foi retirado do campo seguindo metodologia sistematicamente rigorosa de identificação e armazenamento dos ossos individualmente.

Como os laboratórios da UFPE ainda não estavam preparados para receber os esqueletos, optou-se por encaminhá-los para a Fumdham, instituição de excelência em pesquisas arqueológicas e parceira da Fundação Seridó há mais de 20 anos. Essa decisão foi tomada a partir da necessidade de que os esqueletos precisavam ficar acondicionados em ambiente reservado, com controle rigoroso de temperatura e umidade, sob pena de se degradarem. Após uma vistoria realizada pelo Superintendente do IPHAN-PE, Frederico Almeida aos laboratórios da Fumdham, foi autorizada a permanência dos esqueletos nas suas dependências até seu acondicionamento definitivo no laboratório da UFPE.

No acondicionamento de cada esqueleto foram utilizadas duas caixas: uma para o crânio (40cm x 30cm x 50cm, comprimento, largura e profundidade) e outra para o pós-crânio/ corpo (70cm x 50cm x 60cm, comprimento, largura e profundidade). A disposição dos ossos do pós-crânio nas caixas seguiu rigorosamente os seguintes passos: (i) o fundo da caixa foi forrado com plástico-bolha ou espuma, (ii) sobre essa camada foram dispostos os ossos ensacados individualmente, (iii) sobre essa nova camada foi colocada uma outra camada de espuma ou plástico-bolha. Essa seqüência foi seguida até o final da caixa. O intercalado do material arqueológico com espuma ou plástico-bolha impede que haja o atrito dos ossos uns com os outros. A última camada, no entanto, foi de espuma, cujo objetivo é compensar a distância entre os ossos e a tampa da caixa, impedindo que os ossos fiquem soltos e colidam com a caixa, danificando-se.

Em cada caixa onde se guardaram os crânios foi colocado um envelope contendo as informações referentes ao sepultamento: ficha de esqueleto, fotos, desenhos, croquis com os

pontos topográficos e outras informações. Cada caixa foi lacrada com fita adesiva. Todas as caixas foram identificadas com uma ficha na parte externa, contendo as informações do sepultamento: nome do sítio, número do sepultamento, número da trincheira, número da quadrícula, data de retirada e número de caixa. Finalmente as caixas foram envolvidas com plástico-bolha na parte externa a fim de diminuir o impacto entre as caixas que foram postas lado a lado no caminhão que as transportou.

O acondicionamento do crânio, por sua vez, foi ainda mais rigoroso devido a sua maior fragilidade. Ao coletar os crânios no sítio, cada crânio foi retirado com o sedimento ao seu redor. Os crânios e seus sedimentos foram acondicionados em caixas, individualmente. A escavação dos crânios está sendo feita no laboratório. Por ser uma parte que pode fornecer muitas informações, a realização de uma escavação que garanta um controle maior das condições ambientais, e que conte com mais recursos, pode favorecer a pesquisa.

Quando os materiais chegaram aos laboratórios da FUMDHAM, no PiauÍ, a equipe local procedeu a vistoria das caixas e a verificação do estado de conservação dos esqueletos. Numa análise cuidadosa, comparando os ossos às suas fotografias tiradas em campo, verificou-se que o transporte em nada danificou os esqueletos.

Exames a serem realizados

Como está descrito no relatório específico sobre os sepultamentos, serão feitas análises nas amostras de ossos, tais como, análises biomoleculares, radiocarbônicas, de pH e físicas. Já estão em andamento exames de DNA mitocondrial no laboratório de Genética Humana da UFPE.

A partir dessas análises poderemos conhecer o modo de vida dos indivíduos, ter informações sobre sua morte, como por exemplo, se está relacionada a eventos de guerra ou epidemias e, ainda poder identificar a origem dos indivíduos e a sua relação cronológica e espacial com restos arquitetônicos existentes na área.

Alem das análises laboratoriais previstas para os ossos, serão feitas também análises das amostras de sedimento coletadas sob os sepultamentos e aquelas coletadas nas suas proximidades. O propósito é realizar a datação absoluta do sedimento, através da técnica LOE (Luminescencia Opticalmente Estimulada), para servir de comparação com as datações feitas nos esqueletos.

Estruturas arqueológicas

Durante as escavações na Quadra 55, foram identificados restos de estruturas construtivas, provavelmente as fundações de cinco edificações, construídas em alvenaria de tijolo cerâmico maciço, com argamassa de barro e cal e presença de cimento *Portland*. Cada construção ocupava o lote em sua totalidade, exceto nos fundos que sempre havia um quintal. Os lotes variavam entre 4 e 5,3 m de largura.



Figura 06. Vestígios de estruturas construtivas de duas edificações, construídas em momento posterior a utilização do local como cemitério; observa-se a distância de 30 a 40 cm acima dos sepultamentos.

Das estruturas identificadas, foi possível verificar seu comprimento total em uma delas, pois as soleiras de frente e de fundo estão ainda preservadas no local; a referida casa possuía 17,25m de comprimento. O lote que ocupava media 32,51m de comprimento. Sobre as demais estruturas não se sabe ainda suas características espaciais, pois existem edificações recentes a serem demolidas que estão impedindo a escavação dos seus limites. Pode-se inferir, no entanto, que se trata de edificações do século XVIII e XIX. Todas as estruturas encontradas estão voltadas para a Rua São Jorge. As evidências sugerem a existência de sobreposição e reaproveitamento de técnicas construtivas do século XX, sobre as do século XIX e, estas sobre as do século XVIII.

De acordo com as evidências arqueológicas e historiográficas, os restos das edificações mais antigas, indicam possíveis processos de urbanização ainda no final do século XVII e sinais de ocupação continuada desde a primeira metade do século XVIII.

Artefatos e fragmentos

Foram coletados fragmentos de material arqueológico desde a primeira camada estratigráfica até a camada do ístmo. Destaca-se uma camada na área dos quintais de três das construções identificadas. Nessa camada, de característica argilosa e tonalidade escura, rica em matéria orgânica, observou-se uma maior quantidade de fragmentos de diversos tipos. Dos artefatos recuperados no período de abrangência deste relatório foi encontrado um número significativo de peças inteiras ou bastante íntegras, como potes cerâmicos e peças de louça e faiança. O sítio, no entanto apresenta um grau de perturbação bem variado, com fragmentos que variam de 1cm a 40cm. De maneira geral, foi coletada uma grande variedade de fragmentos de artefatos, tais como fragmentos de vidro, cerâmica, louça, metal e grês, e ainda amostras de materiais construtivos como tijolo, reboco, azulejo, madeira, pedra, sedimento e argamassa.

Ainda não foi possível quantificar e classificar tais materiais, pois sua análise encontra-se em andamento no laboratório de materiais construtivos da UFPE.

Grês

No período da escavação foram encontrados alguns vestígios de grês, material característico de garrafas utilizadas para armazenagem de bebidas alcoólicas. As unidades de grês encontradas estavam em sua maioria muito fragmentadas. Dentre as unidades coletadas, gargalos e bases, apenas algumas são passíveis de serem reconstituídas fisicamente. É possível, no entanto, a partir dos fragmentos, reconstituir alguns objetos graficamente. Mas, pode-se verificar a variação quanto à coloração: entre marrom e bege e, quanto à espessura, tamanho e forma. Encontrou-se, no entanto, alguns exemplares semi-intactos. Trata-se de garrafas em tom terrosos e uma bicolor. Em algumas se identificou a marca, por conseguinte, a procedência. Entretanto, não há recorrência de marcas.

Vidro

Dentre os artefatos em vidro, há fragmentos de diversos tipos de utensílios, mas há também unidades inteiras de pequenos frascos e uma garrafa de bebida alcoólica inteira, transparente com marca em alto relevo na parte superior de seu bojo. São, em geral, garrafas de bebidas diversas e frascos de perfume e de medicamentos, fragmentos de base, bojo, gargalo e ainda tampas inteiras. Os utensílios podem ser separados e organizados por função com subclassificação, coloração, espessura, formato e tamanho. Foram identificadas bases arredondadas e quadradas.

Louça

Os artefatos de louça encontrados estão bastante fragmentados, mas pode-se perceber que em sua maioria apresentam decoração plástica. São fragmentos brancos com detalhes em azul, florais, geométricos, marrões, verdes, Shelledge, possíveis imitações de louca oriental e alguns que remetem a borrões azuis.

Metal

Os artefatos em metal encontrados estavam em tal estágio de corrosão que ficou dificultada a identificação. Entretanto alguns puderam ser identificados por conta de sua forma, tais como ferrolhos, chaves, cadeado, âncora, e pregos de diferentes dimensões. Encontrou-se ainda projéteis de artilharia e de armas manuais, elemento decorativo de provável móvel, talheres e esferas de chumbo.

Cerâmica

Foi identificada e coletada uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos de tamanhos variados. Nessa categoria de vestígios foram encontrados alguns vasilhames semi-inteiros e um totalmente inteiro. Estes apresentam características distintas no que diz respeito à espessura, pasta e decoração (pintura externa ou interna). Há fragmentos sem decoração, aqueles com pintura plástica (técnica de engobo) e ainda fragmentos com pintura esmaltada (vitrificada). Nos fragmentos decorados, a pintura encontra-se principalmente no exterior das peças. No caso da vitrificação, há peças com decoração interna em tonalidade amarela, verde e marrom. Esse processo torna o objeto menos poroso.

A pesquisa arqueológica e a contextualização histórica dos achados. O cemitério e a relação espacial e temporal com o entorno. Evolução urbana do bairro do Pilar nos séculos XVII e XVIII

Até o presente em que se realiza o presente relatório, não dispomos ainda dos limites totais do cemitério; podemos, apenas, referir nos ao local onde foram encontrados os esqueletos. Horizontalmente, os sepultamentos estão localizados na área do istmo original. Não foram encontrados ossos humanos nas áreas de aterro.

Do ponto de vista espacial o local dos sepultamentos encontra-se a uma distância de 150 metros da Igreja do Pilar, localizada a norte e situada, precisamente, onde outrora estivera o Forte de São Jorge. Por sua vez, no sentido sul, sua localização em relação a “O Povo” (CAVALCANTI, 1977: 51), leia-se aqui como o acrônimo de “Povoado”, também conhecido como Recife dos Navios e depois Recife, é de 450 metros até a Porta da Terra, hoje nas imediações da Praça do Arsenal da Marinha. No sentido leste-oeste, os sepultamentos encontrados estão desde o limite do istmo com a margem fluvial e não se sabe ainda sua relação com a margem marinha. Estas informações podem ser observadas cartograficamente no mapa da figura 7.

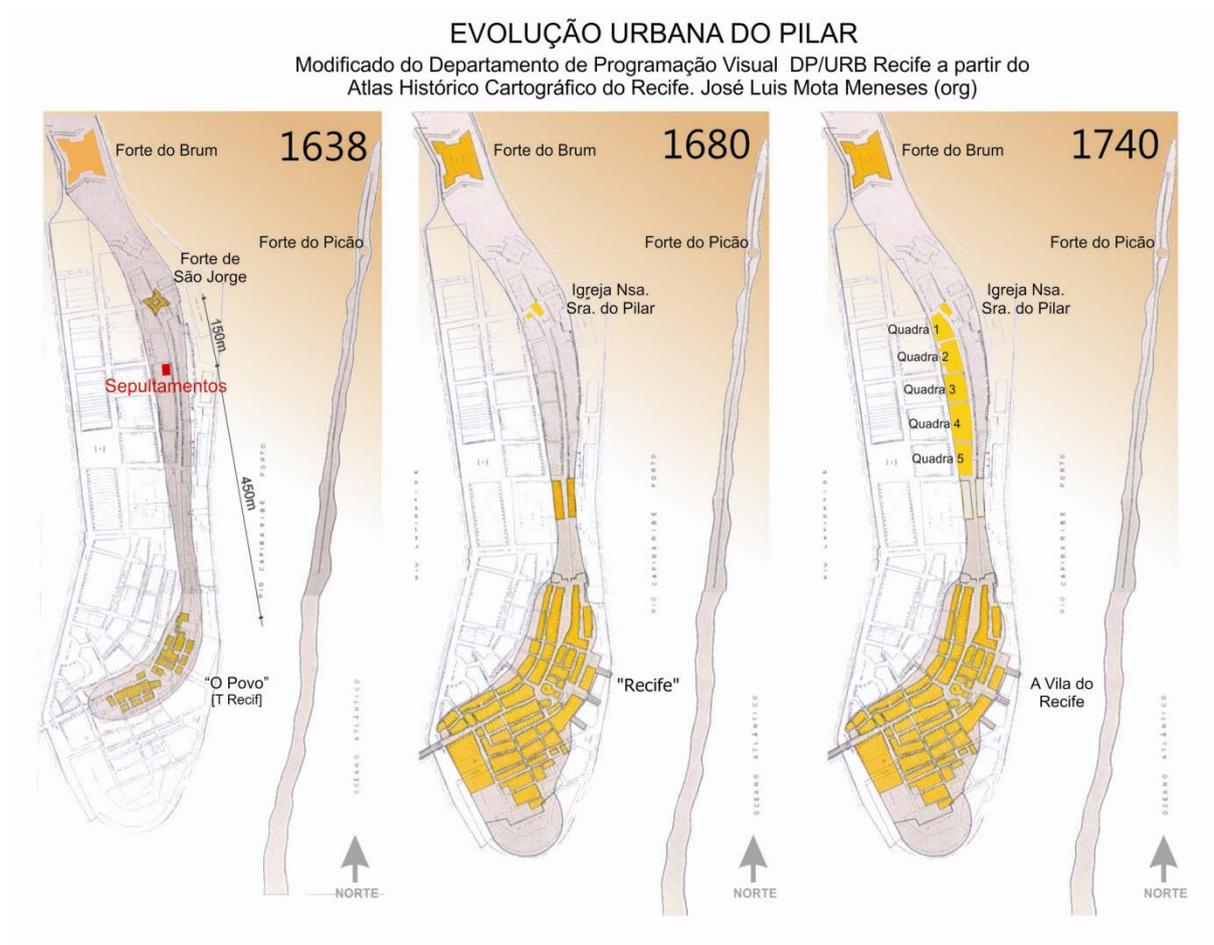


Figura 07) Evolução da área do Pilar evidenciando o período em que começou a ser ocupada com edificações não-militares. O mapa de 1680 foi elaborado a partir dos dados historiográficos (CAVALCANTI, 1977) e cartográficos (MENEZES, 1988)

Verticalmente, os sepultamentos foram encontrados abaixo do nível das edificações, literalmente no leito arenoso do istmo. Indicando serem anteriores às construções. Alguns esqueletos estão imediatamente abaixo das fundações, sendo inclusive danificados por elas; outros estão a até 25 centímetros abaixo das estruturas de fundação. Essa variação na relação de nível entre sepultamentos e estrutura é causada pelo porte da estrutura: algumas são mais profundas, outras mais rasas. Mas os esqueletos estão num mesmo nível de ocupação.



Figura 08) Relação vertical entre sepultamentos e estruturas construtivas, indicando a anterioridade dos sepultamentos em relação às construções.

A mais antiga edificação na área do Pilar é o Forte de São Jorge, antigo Forte Velho; a sua construção, iniciada em 1597, financiada pelo Donatário, segundo o Livro que (dá) Razão ao Estado do Brasil, é uma obra da Companhia de Jesus. Há registros de que foi edificado, na praia, entre 1597 e 1603 (SOUZA, 1885:82-83), no local onde havia uma trincheira. (BARRETO, 1958: 143). O Forte de São Jorge tinha formato triangular e dele partiam duas ruas (Costa, Pereira, vol 2). Em 1612, estava srruinado e foi restaurado em 1620. Guardava a entrada do istmo juntamente com o Forte de São Francisco - Forte do Picão ou da Laje,- com quem cruzava fogos. Em 1630, resistindo à invasão holandesa teve as muralhas arrasadas. (MOREAU e BARO, 1979.) Em 1638, estando com avarias que impediam sua utilização militar, foi concedido pelo Conde Mauricio de Nassau a Willen Piso que passou a utilizá-lo como hospital, (GARRIDO, 1940:66). Na bibliografia especializada da História do Recife, das fortificações militares, assim como na literatura sobre medicina no Brasil colônia, menciona-se em documentos que em 1667 (SOUZA, 1885) o Forte encontrava-se abandonado e não mais utilizado como hospital. Em 1679, foram doadas 25 braças de terra, por sesmaria, incluindo as ruínas do edifício do antigo hospital, pelo Governador de Pernambuco, Aires de Souza de Castro ao Provedor da Fazenda Real de Pernambuco João do Rego Barros, para que ele construísse em seu lugar a Igreja do Pilar.

O Forte de São Jorge, entretanto, como seus coetâneos e vizinhos, se insere numa categoria de fortificações que passavam por adaptações ou traziam em suas próprias estruturas inovações construtivas que os inscreve numa arquitetura de transição de fortificações e de uma nova logística de sistema defensivo.

Com o advento da pólvora houve mudanças significativas na arte da guerra. O desenvolvimento de armas que atiravam rochas e depois balas de metal promoveu mudanças nos projetos de fortificações. Os altos muros que protegiam as cidadelas deram lugar a estruturas mais baixas e robustas, capazes de amortecer o impacto dos projéteis. A historiografia atribui esse desenvolvimento aos engenheiros italianos. As demais nações ou enviavam profissionais a Itália, ainda no século XVI, para aprenderem com os mestres ou contratavam os engenheiros italianos para construir as fortificações em seus países e colônias. No Brasil, há o registro de vários engenheiros italianos que contribuíram com a implantação de sistemas de defesa ao longo de todo o território, como Tiburzio Spannocchi, Giovanni di San Felice (conde Bagnuoli) e Leonardo Torriani entre outros.

Durante o primeiro século de dominação portuguesa, os Donatários precisaram implantar um sistema de defesa capaz de garantir a ocupação do território. Com o estabelecimento de certo equilíbrio no convívio com os indígenas, o maior temor dos portugueses viria pelo mar. Outras nações, questionando o tratado de Tordesilhas, tentavam ocupar terras brasileiras. O sistema de defesa adotado priorizou então o ataque vindo pelo mar. Um conjunto de fortificações foi construído em pontos estratégicos para repelir navios, que tentassem tomar o território. Percebendo as dificuldades de uma invasão pelo Recife, pois os dois fortes, o do Mar, o do Picão e o da terra, o de São Jorge, cruzariam fogo e, a fragilidade do sistema de defesa por terra, a Companhia das Índias Ocidentais realizou seu ataque desembarcando em Pau Amarelo, onde não havia fortificação. As tropas seguiram até Olinda por terra e ocuparam a cidade que não conseguiu oferecer grande resistência. Após a dominação, os holandeses iniciaram a implantação de um sistema de defesa que conseguisse proteger o território de ataques por mar e por terra. A essa altura, os portugueses que fugiram da ocupação, refugiando-se no interior da Capitania, realizavam frequentes e continuadas batalhas por terra, além das tentativas da Coroa em reconquistar o território atacando-o a partir do mar.

A pesquisa arqueológica na área do Pilar, no Bairro do Recife, traz aos historiadores uma oportunidade há muito aguardada, de conhecer melhor o desenvolvimento urbano do Recife nos séculos XVII e XVIII. José Antônio Gonsalves de Mello, Vanildo Bezerra Cavalcanti, José Luis Mota Meneses e Cátia Wanderley Lubambo, entre outros, ampliaram o conhecimento histórico acerca da Cidade do Recife, seja sobre ela especificamente ou sobre acontecimentos da História de Pernambuco, onde Recife foi palco. Em geral, os estudos arqueológicos na cidade do Recife e, em particular, na área do Pilar, contribuem com acréscimos ao conhecimento histórico confirmando ou negando informações documentais. Pela historiografia conhecemos as razões da construção do Castelo/Forte de São Jorge em finais do século XVI. Sabe-se também de sua utilização durante o período de dominação holandesa, como hospital-enfermaria, como se pode ler no "Breve Discurso" de Maurício de Nassau, de 14 de Janeiro de 1638, sob o tópico "Fortificações":

"Fora do Recife encontra-se primeiro o velho castelo denominado São Jorge. Achando-se este castelo muito arruinado, os administradores do hospital pediram-no para servir de enfermaria, com promessa de repararem-no interiormente e conservarem-no à sua custa, utilizando-se dele até que seja necessário ao serviço militar e à defesa do Recife, o que resolvemos conceder-lhe para poupar despesas à Companhia, e porque este castelo é

atualmente inútil, e sê-lo-á talvez também para o futuro. Contudo ficaram aí todas as peças." (GARRIDO, 1940:66).

Entretanto, uma descoberta arqueológica veio apresentar um dado desconhecido ou talvez, apenas suposto entre alguns historiadores do período flamengo, como Gonsalves de Mello (Mello.1987:114. Nota 276). Trata-se do achado arqueológico do cemitério, com características específicas recorrentes no padrão de sepultamento. Localizado, a uma distância de 150 m do Forte de São Jorge e também utilizado como hospital, e a 450 m do "Povo", "Arrecife dos Navios" ou mesmo Recife, como resolveram chamar os batavos, o povoado no extremo sul do istmo que viria a ser o núcleo original da Cidade do Recife.

Ainda sobre o Forte de São Jorge, é pertinente dizer que, abandonado posteriormente, parte de suas ruínas foram aproveitadas para a restauração do Forte de São João Batista do Brum (1667)ⁱⁱⁱ. O que restou ainda no lugar do Forte de São Jorge, provavelmente serviu para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Pilar (GARRIDO, 1940:66).

Esta Igreja entretanto, só fora construída entre 1679 e 1680. O governador Aires de Souza Castro doou o Forte de São Jorge, mesmo em ruínas, ao capitão-mor João do Rego Barros, mediante uma carta de sesmaria datada de 31 de maio de 1679. Tal carta fazia uma ressalva, entretanto: naquele local era para ser fundada uma igreja em homenagem a Nossa Senhora do Pilar. Tem-se notícia de que o Capitão usou o material resultante da demolição do Forte, essencialmente ruínas, para auxiliar na construção da Igreja. Segundo Cavalcanti, ao lado direito, em frente à igreja, ou seja, na margem oeste, João do Rego Barros construiu sua casa (CAVALCANTI, 1977:115). Essa é a primeira notícia sobre a ocupação civil religiosa do Pilar, lugar anteriormente conhecido como "Fora de Portas".

Dados históricos contam que muitos romeiros vinham até a igreja Nossa Senhora do Pilar que era considerada uma das santas mais milagrosas na época. Para provavelmente, dar pouso e guarida a estes e dar suporte ao funcionamento da Igreja, foram surgindo casas no lado direito do que hoje é a Rua de São Jorge, com fundos para o rio, ou seja, na margem oeste. A Igreja construiu algumas dessas casas, para si e para os romeiros, e moradores do Recife também começaram a construir suas casas na área de "Fora de portas". Segundo Vanildo Bezerra Cavalcanti, pela Planta Genográfica do Recife, de Loureto Couto, de 1680 até a primeira metade do século XVIII já constam 130 casas na margem oeste do istmo (CAVALCANTI, 1977: 85).

Pelo texto de Cavalcanti, pode-se perceber, ainda, que para a construção desse conjunto de edificações foi necessário fazer prováveis aterros: um para as primeiras casas de romeiros e de usos da Igreja e outro para acomodar todo o conjunto de 130 casas. Esse segundo aterro, ainda em 1682, abrangeu 25 braças, ou seja, 55 m (uma braça mede 2,2 m).

"Trata-se da mais antiga rua da área chamada de Fora de Porta." "(...) em 25 de fevereiro de 1682, com mais vinte e cinco braças de terra da praia do Recife unidas às que já tinham sido para construir algumas casas para os romeiros e outras mais para patrimônio da capela que estava construída." "Eram, pois as primeiras casas da rua no seu lado Norte." (CAVALCANTI, 1977:115).

Loureto Couto, tratando da década de 1740, com base na já citada Planta Genográfica do Recife, essas 130 casas e os dois aterros que permitiram sua construção não ocupavam apenas a Rua de São Jorge, já havia casas localizadas no lado nascente da atual Rua Bernardo Vieira de Melo:

“130 casas construídas na então rua do Pilar (hoje de São Jorge) e, conseqüentemente, as que ficavam do lado poente, já formavam, de algum modo, a do nascente da atual Rua Bernardo Vieira de Melo.” (CAVALCANTI, 1977:85)

As escavações realizadas no Pilar, evidenciaram as fundações destas edificações. Durante as atividades de pesquisa na Quadra 55, foram identificados restos de estruturas construtivas, provavelmente as fundações de cinco edificações, construídas em alvenaria de tijolo cerâmico maciço, com argamassa de barro e cal, assim como alvenaria mista, composta por rocha e tijolos com o mesmo tipo de argamassa.

Como podemos observar através da planta de Douglas Fox de 1909 o conjunto de 130 casas existente, já em 1740, pode estar assim distribuído: 8 casas na primeira quadra, voltadas para a Rua de São Jorge e 3, voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo, totalizando 11 casas. 14 casas na segunda quadra, voltadas para a Rua de São Jorge e 8, voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo, totalizando 22 casas. 15 casas na terceira quadra, voltadas para a Rua de São Jorge e 10, voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo, totalizando 25 casas. 16 casas na quarta quadra, voltadas para a Rua de São Jorge e 10, voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo, totalizando 26 casas. 15 casas na quinta quadra, voltadas para a Rua de São Jorge e 10, voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo, totalizando 25 casas.

Em 1909, nas cinco quadras no lado oeste da Rua de São Jorge, havia 159 casas, sendo 118 voltadas para a Rua de São Jorge e 41 voltadas na Rua Bernardo Vieira de Melo.

Nas escavações arqueológicas realizadas na terceira quadra localizada na margem oeste da Igreja do Pilar, onde foram identificados os sepultamentos, foram encontrados restos de estruturas de fundação de seis edificações voltadas para a Rua de São Jorge, restos de estruturas de fundação da calçada oeste da rua, além de fragmentos de utensílios. Essas estruturas ou são em alvenaria de tijolo ou alvenaria mista (rocha e tijolo). Certamente essas seis casas fazem parte daquelas 130 casas edificadas de 1680 até 1740. Também foi identificado o limite oeste do istmo e o primeiro aterro que ampliou a área do istmo, como citado na bibliografia. Provavelmente o aterro que permitiu a construção das primeiras casas deromeiros e de casas da igreja nesse trecho da rua. O primeiro aterro está localizado a uma distância de 8 m no sentido oeste a partir da fachada das edificações. Como não foi identificado o segundo aterro, não podemos dizer ainda qual a extensão desse primeiro aterro.

Já nas escavações arqueológicas na Rua Bernardo Vieira de Melo, na altura da primeira quadra ao lado da Igreja, foram encontrados restos de estruturas de fundação das três edificações voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo; restos de estruturas de fundação das calçadas dessa rua; restos de estrutura da própria rua pavimentada.

No entanto, não foram encontrados fragmentos de utensílios. Essas estruturas, como as anteriormente citadas, ou são em alvenaria de tijolo ou alvenaria mista (rocha e tijolo). Nesse trecho, no entanto, as casas estão construídas sobre o istmo e não sobre aterro. Já a estrutura das calçadas está sobre um sedimento areno-argiloso, escuro, rico em matéria orgânica, sem presença de fragmentos de utensílios. Pode tratar-se de sedimento acumulado do leito do rio, natural ou intencionalmente. Até o momento ainda não foram identificados vestígios do início do primeiro aterro nesse trecho.

Finalmente, nas escavações arqueológicas na Rua Bernardo Vieira de Melo, na altura da terceira quadra, foram encontrados, além de fragmentos de utensílios restos de estruturas de fundação de três edificações voltadas para a Rua Bernardo Vieira de Melo; restos de

estruturas de fundação de quatro das sete edificações existentes nessa quadra, mas que estão voltadas para a atual Rua Edgard Werneck.

Observando-se a historiografia e a cartografia, o istmo que ligava Olinda a “O Povo” começou a ser urbanizado a partir do século XVII. Esta área era denominada “Fora de Portas”. Os registros históricos indicam, e a arqueologia agora confirma, que a ocupação do lugar, que hoje é conhecido como *Pilar*, deu -se a partir da Igreja do Pilar como força centrífuga e centro gravitacional deste nucleamento urbano.

Pode-se inferir, no entanto, que se trata de edificações do final do século XVII e início do século XVIII. Todas as estruturas encontradas estão voltadas para a Rua São Jorge. Assim observado, fazendo-se a concatenação das evidências arqueológicas e historiográficas, os restos das fundações das antigas edificações, indicam possíveis processos de urbanização ainda em finais do século XVII e sinais seguros de ocupação contínua desde a primeira metade do século XVIII.

Há indícios de que o cemitério, achado durante as escavações arqueológicas do Pilar, poderia pertencer a uma comunidade judaica dos séculos XVII ou, também, tratar-se de soldados judeus de uma tropa holandesa. Arqueologicamente falando não podemos afirmar essa origem por não termos resultados de análises específicas, como já informamos no início deste relatório, embora as pesquisas documentais e historiográficas de Tânia Neumann Kaufman, pesquisadora da história judaica, tem contribuído para aventar essa possibilidade. Temos, assim, a satisfação de poder incluir neste relatório inicial, dando conta do achado inesperado de uma necrópole da época colonial, o trabalho por ela realizado com a colaboração de Gustavo Wanderley pesquisador do AHJPE.



Figura 09. Frente e verso de fragmento de artefato metálico identificado durante as escavações nas proximidades dos sepultamentos. Observe-se ícones judaicos no artefato.

Cemitério no Arrecife dos Navios?

Por Tânia Neumann Kaufman e Gustavo Wanderley
Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco

Neste texto desenvolvemos algumas reflexões em torno dos resultados do Relatório apresentado pelo Departamento de Arqueologia da UFPE e da Fundação Seridó referente ao acompanhamento arqueológico na área onde será implantado o Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar no Bairro do Recife – Pernambuco. Chama a atenção neste documento, algumas referências sobre características que configuram indícios de ter sido uma área ocupada para sepultamento, inclusive, possivelmente de indivíduos de origem judaica,

Para este ensaio, usamos uma técnica de triangulação de dados para formar um quadro envolvendo padrões de culto do judaísmo relativos a ritos e tradições de sepultamentos, dados sobre um cemitério construído fora da zona habitada do Recife e de Maurícia às margens do Rio Capibaribe onde hoje é o Bairro da Boa Vista e informações sobre milicianos de origem judaica que prestaram serviço militar na Guarda dos Judeus como ficou conhecida pelos luso-brasileiros.

As indagações que fazem parte de nossas reflexões: *Até que ponto existe relações entre o local dos achados funerários e a comunidade judaica que ocupava grande parte da Rua dos Judeus e arredores tão próximos a área das escavações? Até que ponto o cerco à cidade do Recife e Maurícia a partir de 1644 “forçou” os enterramento dos mortos destas áreas no cemitério existente no Recife tendo em vista o bloqueio da área do cemitério na outra margem do Rio Capibaribe?*

Outra fonte para questionamentos vem de dados do relatório de “*Tratamento laboratorial dos remanescentes humanos da Q.55, no sítio histórico do Pilar, Bairro do Recife antigo, Recife, Pernambuco, Brasil*”^{iv}, descrevendo os esqueletos como sendo de origem européia, todos masculinos, e se dividem em três grupos a partir das idades: Adolescentes entre 15 e 19 anos (2 indivíduos); Jovens adultos de 20 a 30 anos (10 indivíduos) e adulto entre 45 e 50 anos (1 indivíduo)..

Até que ponto a origem européia dos esqueletos aproxima-se de uma possível procedência judaica? Uma vez que se afasta a possibilidade de ter sido o cemitério dos escravos, conforme supõem alguns historiadores é o caso de indagar se haveria escravos brancos na época.

Estamos acompanhando a ampliação dos estudos da equipe de arqueólogos no sentido de colaborar com a busca de informações elucidativas sobre a localização e padrões dos sepultamentos numa área tão próxima ao espaço onde se concentravam judeus vivendo em comunidade.

Em 1636, um cemitério judaico. José Antônio Gonsalves de Melo, historiador pernambucano,^v lamenta a escassez de registros sobre o cemitério judaico do Recife. Certamente o autor não estava se referindo ao cemitério indicado em mapas, por ele mesmo citado^{vi} onde aparecem como “*De jodse Begraef Plaets*” e “*Joden Kerckhof*”.

Até a construção da Ponte Maurício de Nassau o acesso ao local era por meio de barcos. Todavia, no tempo da Insurreição Pernambucana, o deslocamento já tinha interdições devido às ações militares do governo holandês retirando a boa paliçada que protegia o cemitério no início da contenda para utilizá-la como defesa contra as milícias portuguesas.^{vii} Agravando a

situação, o cerco às cidades de Recife e Maurícia imposto pelos portugueses desde 1645, levou a uma densidade demográfica e confinamento da população judaica e não judaica nos dois locais. Como enterrariam seus mortos? Onde? Seria o achado arqueológico no Pilar, um cemitério? Em caso positivo de que forma foi ocupado, por quem e quando?

Como explicar a posição dos esqueletos todos com os pés voltados para o oriente apontando para Jerusalém, conforme o costume judaico na maioria dos cemitérios. E os braços estendidos ao longo do corpo, diferentemente do padrão cristão? E a ausência de vestígios de botões, fivelas, sapatos sugerindo que o morto foi envolvido apenas em panos conforme o costume judaico? Sem caixões. Os judeus enterram os mortos diretamente na terra, usando *tachirim*, vestimenta apropriada para o enterro, salvo impedimentos de leis civis nos lugares onde estão estabelecidos. Mais recentemente foi encontrada uma peça em metal com gravações de uma Estrela de David e um candelabro, a *Menorah*, ainda em análise laboratorial.

A possibilidade de ter sido mesmo um cemitério o local dos sepultamentos encontrados nas escavações encaminha nossas dúvidas para informações citadas na nota 276 de JAGM (Mello.1987:114. Nota 276) descrevendo que “no Recife havia enterros na Igreja do Corpo Santo e no Cemitério”.

Observa-se na Nota que quando o cemitério pertence a Igreja é mencionado claramente como “cemitério da Igreja”. Mas, no caso da referida nota “cemitério” no Recife aparece sempre separado do “cemitério da Igreja”. Haveria então um cemitério no Recife fora o cemitério da Igreja do Corpo Santo (independente de ser judaico ou não)?

Em Maurícia havia enterros no Convento, no Cemitério do Convento, na Nova Igreja Francesa e no Cemitério da Igreja Francesa. Há uma nota sobre o aumento de ocorrências a partir de 1645 provocando um aumento dos preços para os serviços funerários, regulados pelo Alto Conselho.^{viii}

Casa de Guarda de Judeus era conhecida como “guarita João de Albuquerque” e é indicada na gravura “Marin d’Olinda de Pernambuco” publicada por *Jan de Laet* como “*t Fort van Juan d’Albuquerque*” ou Fortaleza João de Albuquerque. Na planta de Olinda do livro de *Gaspar van Baerle* aparece como “*Excubiae Iudaeorum*” ou Guarda dos Judeus.

Considerando as possíveis relações de milicianos de origem judaica, com os sepultamentos no Recife lembramos a participação de soldados de origem judaica desde as primeiras expedições militares holandesas. Muitos foram atraídos pela tolerância religiosa garantida na época pelo governo da Holanda. Incorporaram-se aos contingentes militares que se dirigiam para as colônias holandesas. Alguns se alistavam como voluntários na Holanda em 1629, como mercenários; outros prestaram serviço obrigatório na milícia de 1645 a 1654^{ix} e, por fim, aqueles que voluntariamente se integraram as expedições navais em 1645.

Há documentos de origem judaica fazendo referência aos serviços prestados pelos judeus em defesa do Brasil holandês. Até mesmo, solicitam tratamento igual ao dos holandeses para quarenta militares judeus que viajaram com objetivos militares não especificados, com destino a Itamaracá, na barca de Simão Slecht, como voluntários e se teriam oferecido ao serviço desde o início da campanha militar, em junho de 1645.^x O retorno dos quarenta militares de origem judaica certamente foi incorporado à população confinada na cidade Maurícia e Recife, É evidente que a situação não permitia acesso para enterrar os mortos judeus se fosse o caso, no antigo local.

Antes desta fase havia uma intensa mobilidade espacial dos cristãos novos e judeus *sefardim* em toda a extensão da Capitania de Pernambuco Na área flamenga, apesar dos conflitos de resistência à presença judaica por parte dos calvinistas as restrições eram contornáveis

mediante negociações com o governo holandês. Daí a adesão quase irrestrita dos judeus quanta à permanência dos holandeses em detrimento da re-ocupação do território pelos portugueses. Para eles, a hegemonia portuguesa significaria novamente a submissão às ameaças inquisitoriais. Logo, os deslocamentos eram tanto por necessidade de escapar à vigilância das autoridades religiosas católicas ou por contingências das diversificadas atividades econômicas.

População judaica na capitania de Pernambuco. Séculos XVI-XVII. De norte a sul da Capitania de Pernambuco, cristãos-novos e judeus se instalaram nas vilas, freguesias e povoações. Unidos pelos laços de tradições herdadas sobre os princípios do judaísmo *sefardim* buscavam seguir as principais práticas da cultura judaica. Quando as condições eram favoráveis, eles erguiam sinagogas, caso contrário “esnogavam” nas próprias moradias. Para os banhos de purificação construía a *micvê* ou faziam os ritos de purificação nos rios ou no oceano. Para os sepultamentos compartilhavam os cemitérios existentes quando não podiam utilizar os próprios.

A população judaica dos séculos XVI-XVII de origem *sefardi*, trouxe na bagagem o singular apego às tradições. Certamente, por conta deste traço, eles sempre estavam motivados a organização de um espaço para a “prática do judaísmo no que se refere ao culto da morte entre outros. Ao formarem as novas comunidades, eles tentam recriar a cultura original, o que nem sempre foi possível. Estando esta população distante do centro da vida judaica de origem é razoável acreditar-se que eles buscariam uma forma de permanecer no judaísmo pelo caminho da organização comunitária tradicional fazendo as adaptações quando necessárias.

Segundo a tradição judaica, nos lugares onde há mais que dez famílias, seus membros se organizam para as principais práticas religiosas. Foi o que aconteceu em Pernambuco quando os judeus portugueses de Amsterdam, chegando com os holandeses, uniram-se aos cristão-novos e cripto judeus que já viviam em Pernambuco desde o início do século XVI. Muitos destes, retornando ao judaísmo, formaram no Recife a Primeira Congregação Judaica das Américas. Como sempre, em todos os caminhos percorridos ao longo da Dispersão dos judeus, sempre buscam um espaço de refúgio para suas experiências religiosas como também para sustentar as suas estruturas de resistência como povo.

Significados de um cemitério

“A vida e a morte são irmãs; vivem na mesma casa. São ligadas uma à outra e tão apegadas entre si que não podem ser separadas. Estão unidas por uma frágil ponte sobre a qual todas as coisas da criação têm que passar. A vida é a entrada; a morte é a saída”. Bachya Ibn Pakuda, mestre da ética judaica ^{xi}

Esta citação reflete bem o sentido do pensamento religioso judaico sobre o local da última morada através das seguintes palavras em hebraico:

Bet Chayim, (Casa da Vida), *Bet Olam*, (Moradia Eterna), *Bet Kevarot* (Casa dos Túmulos). Na Idade Média, os cemitérios eram chamados de Jardins dos Judeus. Na memória histórica dos judeus a valorização do culto da morte ou da vida, em qualquer espaço, buscando estabelecer as relações do homem com Deus, baseia-se em alguns conceitos bíblicos atualizados na forma de tradições, ritos e mitos.

Na evolução institucional dos costumes de sepultamento a lei judaica prescrevia que os cemitérios deveriam ficar a 55m dos muros da cidade. Até a destruição do Templo de Jerusalém a preocupação dos judeus com a morte, levava ricos e pobres a sofisticados ritos para os enterros. Conforme o costume vestia-se o morto ricamente, como um marco de vaidade social. Acredita-se numa provável influência dos gregos e romanos. Mas, no decorrer

do século II E.C., um decreto rabínico proibiu sepultamentos luxuosos. Desde então, os judeus, sem diferenciação de situação social deveriam ter os enterros iguais.

Os *tachirim*, roupa para o sepultamento, seguiria um padrão de tecido de algodão branco simples e sem adornos. Inclusive na Idade Média, havia o costume de entre os judeus mais velhos de se prepararem para a visita do Anjo da Morte, costurando suas próprias vestimentas. As roupas são cortadas e costuradas em pontos largos, à mão, sem nós e deixando os fios soltos. Os religiosos explicam que talvez seja para simbolizar a incompletude da vida do homem.

Persiste, todavia, o apego dos judeus para praticar de forma coletiva o que está contido na *Halachá*^{xii} como eixo da cultura judaica, embora atualmente, os ritos e costumes de sepultamento mostram-se mais permeáveis a diversas influências. Além do aspecto ritualístico de um cemitério, sua estrutura impõe-se como um conceito de observância religiosa e respeito a regulamentos comunitários, quando é o caso de existir uma comunidade organizada.

Foi o caso da Congregação *Kahal Zur Israel*, sob a liderança do Rabino Aboab da Fonseca trazido da Sinagoga dos Portugueses de Amsterdam para a inauguração da primeira Sinagoga das Américas em 1641 na Rua dos Judeus.

A organização social da comunidade do Recife ficou registrada no LIVRO DE ATAS DAS CONGREGAÇÕES JUDAICAS “ZUR ISRAEL” EM RECIFE E “MAGEN ABRAHAM”, EM MAURÍCIA, BRASIL 1648-1653. A transcrição do manuscrito original, Introdução, Notas e Glossário foram feitos pelo Dr. Arnold Wiznitzer [historiador].^{xiii} O documento só foi descoberto em Amsterdã em 1911. O último lançamento foi feito em 28 de setembro de 1653 e levado para Amsterdam em 1654.

O *Mahamad*, ou Conselho Executivo formado por cinco membros era eleito para um período de um ano para cuidar rigidamente, tanto do culto religioso como do autogoverno da comunidade. A eles cabia a indicação dos tesoureiros, dos responsáveis pelo resgate dos presos, dos curadores e tesoureiros do *Chevra Kadisha* (sociedade que administra a parte religiosa do cemitério) e administradores do cemitério e das escolas religiosas. (Wizniter. 1966:116). As ASKAMOT ou Regulamentos era um documento soberano para regular a vida dos judeus que viviam na Capitania de Pernambuco. Se no lançamento feito em 1653 era mencionado curadoria e administração do cemitério era porque havia um. O da Boa Vista não poderia ser.

Por fim...

Sem esgotar as possibilidades de aprofundamento em outras fontes de pesquisa nos parece oportuno discutir os indícios já reunidos associando-os as informações históricas e arqueológicas e dados da religiosidade do judaísmo como fator de organização comunitária. Continuaremos a fazer perguntas aos documentos e aos textos históricos e às evidências empíricas.

Considerando os registros de presença e movimentação de uma população judaica em toda a Capitania de Pernambuco como mercadores, mascates, senhores de engenho, militares e outras atividades; associando estes dados sobre aspectos quantitativos da concentração demográfica da população judaica evoluindo até 1645 e declinando a medida que avançavam para a restauração do poder colonial português com um indesejável confinamento nos limites do Recife; o fato de enfrentarem polêmicas restritivas dos próprios calvinistas e católicos quanto às práticas judaicas em períodos de maior restrição e um relaxamento nas fases mais tolerantes, não os impediam de seguir os princípios básicos do judaísmo no que diz respeito

ao suporte para as experiências ritualistas principalmente nos ritos de passagem muito valorizados na cultura judaica; que o culto da morte entre os judeus apoiando-se em conceitos bíblicos atravessa os milênios, adapta-se a inovações e sobrevive preso ao eixo da tradição judaica até os tempos contemporâneos.

Nos parece haver indícios suficientes para aprofundamento das investigações históricas judaicas e não judaicas, antropológicas e arqueológicas no sentido de associar-se a estas informações dados sobre a estrutura mental da religiosidade do judaísmo como fator de organização comunitária que justificaria as inferências sobre um Cemitério Judaico no Arrecife dos Navios.

Bibliografia consultada e notas

São fontes disponíveis no Núcleo de Pesquisa do AHJPE / Museu Sinagoga Kahal Zur Israel, como parte do projeto O Que se Conta. Quem Conta na forma de um Banco de informações bibliográficas organizadas por tema e por autor.

Biografia de alguns poetas e homens ilustres de Pernambuco (1858) Comentado por Antonio Joaquim de Mello Typographia Universal R. do Collegio 48 **Compilação:** Carmem Muraro, pesquisadora AHJPE. Jun/2001

CALADO, Frei Manuel (1987) *O Valeroso Lucideno*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2 v. **Compilação:** Carolina Griz, pesquisadora AHJPE. Dez/01.

COSTA, F. A. P. Da (1983) *Anais Pernambucanos*. vol III 2^a edição Recife **Compilação:** Carmem Muraro, pesquisadora AHJPE. **Pesquisa inicial:** Claudia Gouveia/ Aleksandra Lavor.

Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco/**Patrocínio:** Philips do Brasil GAARDER, Jostein et al (2000) *O Livro das Religiões*. trad. de Isa Mara Lando, São Paulo, Companhia das Letras, 312 p., p. 98-117. **Compilação:** Amaro Braga, pesquisador do GIEJ e AHJPE. Set/2002. **Obs.:** O português utilizado na compilação é de responsabilidade do tradutor.

MELLO, José Antônio Gonsalves de (1996) *Gente da Nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654* - apresentação de José E. Mindlin, 2^a edição, Recife, Fundaj, Ed. Massangana. Inclui bibliografia e índice onomástico. Sumário consta de: Parte I - Cristãos-novos em Pernambuco; Parte II - A Nação Judaica em Pernambuco, 1630-1654 com quatro capítulos e a Parte III - Gente da Nação Judaica no Brasil Holandês - Um dicionário dos judeus residentes no Nordeste, 1630-1654;. **Compilação:** Diva M^a Gonsalves de Mello, pesquisadora AHJPE.

WIZNITZER, Arnold (1966) *Os Judeus no Brasil Colonial*. São Paulo, Livraria Pioneira, Ed. Da Universidade de São Paulo, Brasiliense. **Compilação:** Aleksandra Serbim, pesquisadora AHJPE e GIEJ. **Obs.:** As compilações preservam o português utilizado pelos autores das obras.

WOLFF, Egon e Frieda (1989) - *Sepulturas - IV. Simbolismo e Arte Sepulcral Judaica e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro **Compilação:** Diva M^a Gonsalves de Mello, pesquisadora AHJPE.

Conclusões preliminares

Até então a pesquisa na quadra 55, tem revelado estruturas arqueológicas e artefatos de uso cotidiano, quer seja em metal, vidro, cerâmica, louca ou grés. Entretanto nesta quadra, nos deparamos com sepultamentos humanos, o que tem sido fator determinante de outro rumo na pesquisa. Tornou-se urgente a caracterização destes enterramentos, pois eles conferem com sua compleição indício de ser um cemitério. Ademais, sendo este o caso, é necessário responder como ele surgiu, por que neste local, e a que comunidade atendeu? Que circunstâncias levaram ao seu desuso e provável esquecimento, levando ao intenso processo de urbanização que se verificou através das fundações das edificações encontradas por sobre ele.

E relevante neste momento, entretanto, reiterar que os sepultamentos apresentam uma organização espacial e modos específicos na maneira em que foram sepultados, de tal modo que nos sugere, através da forma articulada em que foram encontrados os esqueletos, que poderiam estar envoltos em invólucros têxteis. Inferências conclusivas ainda não são possíveis, porque muitos dos achados, ainda estão em análise laboratorial.

No que tange as estruturas arqueológicas, foram identificados restos de estruturas construtivas, provavelmente as fundações de cinco edificações, construídas em alvenaria de tijolo cerâmico maciço, com argamassa de barro e cal. Pode inferir, no entanto, que se trata de edificações do século XVII e XVIII. Todas as estruturas encontradas estão voltadas para a Rua São Jorge. Numa rápida observação, as evidências sugerem a existência de sobreposição e presença de cimento *Portland, logo*, reaproveitamento de técnicas construtivas do século XX, sobre as do século XIX e estas sobre as dos séculos XVIII e XVII.

Quanto a artefatos de uso cotidiano, percebe-se um volume considerável de cerâmicas, quantidade bem superior ao encontrado na quadra 40, onde predominou o achado de louças. Estas por sinal, de um período mais recente.

Em parceria com a UFPE, Departamento de Arqueologia, também no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC vem sendo desenvolvidas atividades de análise dos materiais coletados no sítio arqueológico. São eles: louças, metal, grês, vidro, cerâmica e material construtivo e sepultamentos.

Para cada material, há um aluno responsável pela limpeza, inventário, colagem de peças e reconstituição quando possível, identificação de tipos e análise da localização espacial dos fragmentos.

Até o momento não se pode formular conclusões sobre os achados arqueológicos identificados. Só após análises mais aprofundadas é que poderá ser ampliado o conhecimento que se tem do lugar. Nessa etapa do trabalho, qualquer afirmação é precipitada.

AUTORES

Ana Catarina Peregrino Torres Ramos , Universidade Federal de Pernambuco pesquisadora da Fundação Seridó

Anne-Marie Pessis
Universidade Federal de Pernambuco e Fundação Seridó

Antonio de Moura Pereira Filho, historiador da Fundação Seridó

Gabriela Martin, Universidade Federal de Pernambuco e Fundação Seridó

Ilca Pacheco da Costa , arqueóloga da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora da Fundação Seridó.

Manuela Xavier Gomes de Matos, arqueóloga da Fundação Seridó.

Socorro Ferraz Barbosa, Universidade Federal de Pernambuco e Fundação Seridó.

Sergio Luiz Monteiro Salles Filho, Universidade Federal de Pernambuco.

Tânia Kaufman Presidente do AHJPE - Museu Sinagoga Kahal Zur Israel

Gustavo Wanderley pesquisador do AHJPE - Museu Sinagoga Kahal Zur Israel.

ⁱ Em um dos esqueletos será preciso uma análise mais aprofundada para identificação do gênero.

ⁱⁱ Em apenas 1 indivíduo não foi possível identificar a idade, será preciso exames mais detalhados.

ⁱⁱⁱ Segundo GARRIDO (1940) localiza o Forte de São João Batista do Brum ou simplesmente Fortaleza do Brum poucos metros ao norte do Forte de São Jorge, meia milha ao sul do Forte de Santo Antônio, complementando que foi iniciado em 1629, pelo engenheiro Diogo Pais, com a função de defesa da barra do Recife.

^{iv} Prof. Dr. Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva e Profa Fátima Barbosa

^v Mello, José Antônio Gonsalves. *Gente da Nação*. Recife: FUNDAJ Editora Massangana. P.282. 1996.

^{vi} Desenhado por Johannes Vingboons que representa o Recife (1636), existente no Instituto Arqueológico, indica “*De jodse Begraef Plaets*”. O outro mapa foi de *Cornelis Bastiaansz Golijath*,(1648), onde está representado sob indicação de “*Joden Kerckhof*”.

^{vii} Uma pequena guarnição militar holandesa, foi construída em 1641 com a função de vigiar contrabandistas que passavam em barcos. A área compreendia a estância de Henrique Dias, que, ao término da guerra, recebeu-a em doação.

^{viii} Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*

^{ix} As providências necessárias à fortificação e resistência à ocupação holandesa levou João Maurício de Nassau, Governador Geral e chefe das operações militares no Brasil Holandês (1637-1644) a convocar todos os cidadãos livres, inclusive os judeus para alistamento nas milícias, organizadas em quatro companhias.

^x Mello, José Antônio Gonsalves de (1996) *Gente da Nação: Cristãos-Novos e Judeus em Pernambuco, 1542-1654* - apresentação de José E. Mindlin, 2ª edição, Recife, Fundaj, Ed. Massangana.

^{xi} Citado por Nathan Ausubel. ^{xi}O Livro do Conhecimento Judaico. Rio de Janeiro. Editora Tradição S.A. 1964. P.522.

^{xii} Parte legal da literatura talmúdica, em contraste com a *Agadá*, que compreende os elementos não jurídicos.

^{xiii} Wiznitzer, Arnold.

REFERÊNCIAS

BARLÉU, Gaspar. 1980. *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

BARRETO, A. 1958. Fortificações no Brasil (Resumo Histórico). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.

CAVALCANTI, V. 1977. Recife do Corpo Santo. Recife: Prefeitura Municipal do Recife.

GARRIDO, C. 1940. Fortificações do Brasil. Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval.

LUBAMBO, C. W. 1991. O Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e Marco Zero. Recife: CEPE.

MELLO, J. A. Gonsalves de. 1987. Tempo dos Flamengos. Rio de Janeiro: Topbooks.

MENEZES, J. 1988. Atlas Histórico Cartográfico do Recife. Recife: Massangana.

MOREAU, P.,BARO, R. História das Últimas Lutas Entre Holandeses e Portugueses e Relação da viagem ao País dos Tapuias. [1651]. Tradução e notas Lêda Boechat Rodrigues ; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte/ São Paulo, Ed. Itatiaia/ Edusp, 1979.

Portaria 7/1988, do IPHAN, Recomendação de 20 de setembro de 2000 do Ministério Público Federal.

SOUZA, A. 1885. Fortificações no Brazil. Rio de Janeiro: RIHGB. Tomo XLVIII, Parte II.